

Mesa 1

O problema da documentação para a História da Educação Matemática: localização, acesso, organização, manutenção e utilização de documentos históricos¹

André Luís Mattedi Dias

Universidade Federal da Bahia
andre.luis.mattedi.dias@gmail.com

Resumo

As discussões envolvendo o conceito de documento histórico foram marcantes para as transformações que sofreram diversas historiografias ao longo do século XX, com maior ou menor intensidade, abrangência e profundidade. Da metáfora da fonte de água cristalina que brota naturalmente para saciar a sede de informações do historiador, das limitações iniciais ao âmbito do escrito, do oficial, do institucional, do público, passa-se às ideias de vestígios, evidências e indícios que sobrevivem aos processos de produção, construção e seleção do histórico em diversos momentos e âmbitos, com ampliações na discussão conceitual em torno da memória, nos âmbitos individuais e coletivos, privados e públicos, dos processos da monumentalização e sacralização dos objetos materiais e imateriais, dos lugares das memórias, alcançando-se os aspectos simbólicos das culturas, as representações, as práticas. Em suma, a riqueza das discussões e debates em torno da noção de documento histórico acompanhou a própria discussão em torno dos conceitos de história e de historiografia, do ofício do historiador, da produção e da escrita do texto histórico, com suas mediações, polarizadas atualmente em torno das abordagens realistas e antirealistas: seria a documentação histórica uma mediação entre o presente e o passado, entre o conhecimento histórico produzido pelo historiador e os acontecimentos, processos e atores do passado, que seriam os referentes, ou seria a documentação histórica o próprio referente, um texto, um discurso, objeto das práticas textuais e discursivas do historiador? Todas estes aspectos estão implicitamente presentes quando o historiador delimita seu objeto de pesquisa e parte em busca dos materiais históricos que lhe servirão para alcançar seus objetivos. Localizar, aceder, organizar, preservar e utilizar memórias e monumentos, fontes e documentos, textos e depoimentos, sons e fotos, imagens e sentimentos, utilizando-se das mais diversas técnicas e procedimentos, interpretando-os segundo olhares e pontos de vista, enquadrando-os segundo conceitos e teorias, constituem-se, em suma, aspectos da complexa tarefa, da difícil arte científica (ou ciência artística) de produzir a historiografia.

Palavras-chave:

Embora a maioria dos participantes desse evento não seja historiador, todos estão envolvidos de algum modo ou têm interesses em algum grau na pesquisa historiográfica, afinal de contas, este é o I Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, de modo que tentarei debater o tema desta mesa, o problema da documentação para a história da educação matemática, como se fossemos efetivamente historiadores, isto é, buscando aproximação com alguns aspectos do problema da documentação histórica tal como é tratado usualmente pelos historiadores.

Assim, inicio afirmando que, para os historiadores, de um modo ou de outro, é fundamental a distinção entre historiografia (*narratio rerum gestarum*) e história (*res gestae*), a primeira designando o conhecimento histórico produzido e a segunda referindo-se aos acontecimentos, sujeitos e processos, dentre outros, que constituem o objeto do conhecimento histórico. Atualmente, historiadores discordam dos postulados admitidos nos primórdios da disciplina histórica, no século XIX, segundo os quais as chamadas fontes históricas ofereceriam as informações que possibilitariam um relato verdadeiro, objetivo e neutro dos fatos históricos, cabendo ao historiador tão somente verificar a autenticidade e a fidedignidade destas fontes e relatar o seu conteúdo de modo imparcial, sem distorcê-lo com qualquer contaminação teórica ou ideológica, preenchendo as lacunas do conhecimento histórico e compondo a sucessão cronológica dos fatos. Portanto, se os historiadores contemporâneos discordam destes postulados, então discordam também de uma das suas consequências óbvias, a perfeita identidade entre historiografia e história, como se uma fosse o reflexo especular da outra.²

Ainda no século XIX, tiveram início os questionamentos críticos sobre esta forma de relacionar a historiografia com a história, como se uma fosse o reflexo especular da outra, e sobre suas implicações para o trabalho do historiador, mas foi ao longo do século XX que foram sendo ampliadas e sistematizadas as diversas tendências explicativas desta relação. De uma maneira geral, estas tendências tiveram inspirações filosóficas, políticas e institucionais muito diferenciadas, problematizaram e abordaram de modos diferentes os diversos aspectos da relação entre história e historiografia, sempre, contudo, discordando daqueles postulados, com implicações muito graves seja para as concepções de fonte histórica e de conhecimento

histórico, como também para o próprio trabalho do historiador e para as formas de produção do texto histórico.³

Acerca desta relação entre história e historiografia, o principal debate da atualidade, com consequências importantes para o trabalho historiográfico, diz respeito ao confronto entre as abordagens realistas e antirrealistas da relação entre história e historiografia. De um lado, os adeptos do realismo postulam uma relação efetiva entre história e historiografia, embora reconheçam que esta relação é mediada pela historicidade da documentação histórica e do próprio historiador que trabalha com esta documentação. Em suma, de algum modo, o conhecimento histórico refere-se a uma realidade que teve existência própria independente da documentação histórica e do próprio conhecimento, sendo que o objetivo do pesquisador consiste exatamente em tentar conhecê-los de algum modo. Do ponto de vista realista, certas projeções do presente sobre o passado, chamadas de anacronismo, constituem-se em problemas para a historiografia, que podem e devem ser evitadas. Em suma, do ponto de vista realista, reconhece-se e admite-se a complexidade do trabalho do historiador por conta das diversas mediações que influenciam direta ou indiretamente neste trabalho e nos seus resultados.⁴

Por outro lado, os adeptos do antirrealismo postulam que a historiografia é, de algum modo, apenas uma construção literária ou um discurso. No primeiro caso, um conjunto de textos que tem por referente apenas outros textos e não uma realidade contextual com existência exterior aos textos. No segundo caso, uma construção discursiva, que não se refere à uma realidade que lhe é exterior, mas que constrói e é ao mesmo tempo constitutiva da realidade, que se contrapõe ou se justapõe a outras construções discursivas. Do ponto de vista anti-realista, o anacronismo não é um problema, na verdade, nem existe, seja porque a historiografia não tem como referência alguma realidade que teve existência no passado, seja porque o historiador não tem por objetivo conhecê-la, reconstruí-la ou representá-la. Aliás, de acordo com o anti-realismo, tudo é uma construção, literária ou discursiva, sejam as “realidades” presente ou passada, seja o documento histórico, seja o fato histórico, seja o

3 BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: UNESP, 1992; JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2007; BARROS, José d'Assunção. Escolas históricas – discussão de um conceito a partir de dois exemplos principais: a “escola histórica alemã” e a “escola dos annales”. Esboços, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 7-36, dez. 2010; CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: história e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

4 MALERBA, Jurandir. A história e os discursos: uma contribuição ao debate sobre o realismo histórico. *Locus*, v. 12, n. 1, p. 41-78, 2006; GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). A história escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

conhecimento histórico! Contudo, isto não implica necessariamente em algum tipo de simplificação do trabalho do historiador, que continua tendo que enfrentar mediações complexas, embora de outros tipos, concebidas de outras formas.⁵

De qualquer sorte, vale salientar que os debates que emergiram da chamada virada linguística, a partir da década de 1970, polarizados muitas vezes pelas abordagens realistas e anti-realistas, deram continuidade e aprofundaram os debates que vinham sendo feitos desde o início do século XX, trouxeram novos problemas ou renovaram as respostas para antigos problemas, com contribuições importantes para a discussão historiográfica atual.⁶

No que se refere aos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, assume grande importância a ampliação da noção de fonte histórica, na verdade, o abandono da noção de fonte histórica ancorada na analogia da água que brota da pedra ou da terra, inodora, insípida, incolor, transparente, cristalina e límpida para saciar a sede de informações históricas do historiador. Discute-se então as noções de monumento e de documento, associadas às noções de memória individual e coletiva. As relações entre história e historiografia não são mais mediadas pelas fontes históricas, naquele sentido, mas pela memória individual e coletiva, pelos lugares da memória, enfim, pela noção ampliada de documento histórico, nos seus diversos e diferenciados tipos. Importa menos o que o documento diz, pois este não diz nada por si só, importam as perguntas que o historiador faz, decorrentes dos problemas que formula, e as interpretações e explicações que constrói com base nas evidências disponíveis e nas respostas que elabora para estas perguntas. Em outras palavras, fatos e fontes históricos não são dados, nem contêm dados. Os acontecimentos, processos e sujeitos históricos, assim como os documentos e conhecimentos históricos são produzidos por uma infinidade de processos e mediações complexos, dentre as quais se inclui o próprio trabalho do historiador.⁷

A propósito, a este respeito, parece-me apropriado e conveniente lembrar aqui o que escreveram Umberto Bottazzini e Craig Frazer, editores da revista *Historia Mathematica*, no editorial da passagem para o novo milênio, quando convidaram os leitores para uma avaliação sobre a trajetória do domínio nas últimas décadas do século XX e sobre os desafios que

5 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. *Resgate*, v. 2, p. 48-55, 1990; JENKINS, Keith. O fim da história. *Revista do Mestrado em História (Universidade Severino Sombra)*, v. 9, n. 10, p. 11-22, 2007.

6 HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

7 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990; GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____ Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral: um inventário de diferenças*. In: _____ (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos*. *Tempo*, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

deverão ser enfrentados no futuro. Na avaliação que fizeram, eles enfatizaram a pluralidade da atual produção historiográfica, das abordagens teóricas e metodológicas, dos estilos e pontos de vista, a tal ponto, que defenderam a existência de historiografias da matemática no lugar de uma única historiografia⁸. Todavia, Bottazzini e Frazer destacaram que há algo comum às diversas historiografias da matemática, a saber, a preocupação com a compreensão e interpretação crítica das fontes, para além das abordagens descritivistas que caracterizaram o trabalho das antigas gerações de historiadores da matemática. Segundo eles, durante muito tempo, os historiadores da matemática estiveram preocupados com a descrição supostamente neutra e objetiva dos conteúdos dos textos matemáticos, das suas teorias e teoremas, ao que parece, segundo nosso juízo, seguindo aqueles mesmos postulados que marcaram a disciplina histórica no século XIX.

Quanto a isto, parece-me que o que mais importa destacar é que esta forma descritiva de conceber e escrever a historiografia da matemática pode ser explicada ou justificada, pelo menos parcialmente, como uma projeção das concepções e dos modos de fazer matemática dos próprios matemáticos que escreveram esta historiografia. Todavia, este tipo de projeção não é privilégio da historiografia da matemática e dos matemáticos. Segundo Francisco Falcon, no Brasil, durante muito tempo, os domínios historiográficos estiveram divididos segundo os lugares disciplinares e institucionais ocupados por aqueles que se dedicavam aos mesmos. As historiografias de certas disciplinas ou de certos temas específicos eram produzidas no âmbito destas disciplinas ou pelos especialistas nestes temas, de modo que os domínios temáticos, as dimensões e as abordagens historiográficas privilegiadas sempre refletiram de algum modo estas divisões.⁹

Contudo, este quadro vem se modificando nos últimos tempos. Em vários domínios, como a história da educação ou a história das ciências, cada vez mais, há uma aproximação maior com os debates historiográficos, de caráter teórico ou metodológico, resultando num amplo reconhecimento da complexidade e especificidade dos problemas envolvidos e das suas implicações para o trabalho historiográfico.¹⁰

8 BOTTAZZINI, Umberto; FRASER, Craig. Editorial — At the Turn of the Millennium: New Challenges for the History of Mathematics and for Historia Mathematica. *Historia Mathematica*, v. 27, p. 1–3, 2000.

9 FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

10 VIDAL, Diana Gonçalves Vidal, FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003

Um interessante exemplo, que serve para ilustrar esta complexidade, foi destacado por Leo Corry e Reviel Netz, editores da *Science in Context*, revista de história das ciências¹¹. Segundo eles, é preciso estar atento à tensão entre quem escreve - e como escreve - e quem lê - e como lê - uma certa historiografia. De fato, por um lado, se a produção historiográfica em geral foi muito renovada nas últimas décadas, principalmente por conta da especialização e profissionalização dos historiadores, por outro, cada historiografia ainda é lida por um círculo muito restrito de interessados, muitas vezes, especialistas. Então, paradoxalmente, a tensão entre quem escreve e quem lê pode produzir um efeito retroativo na definição dos critérios seletivos e demarcatórios das próprias escolhas temáticas, teóricas e metodológicas do historiador, na sua tentativa para se adequar mais e melhor aos seus prováveis leitores. Portanto, não importa apenas o que alguém escreve e como escreve, mas também para quem escreve, onde e quando! Em outras palavras, por mais que o historiador busque aperfeiçoar suas referências epistemológicas, teóricas ou metodológicas, ele também precisa considerar o perfil do leitor do seu trabalho, que exerce desta forma um influência retroativa nas escolhas feitas pelo historiador.

No Brasil, os profissionais que se dedicam à história da educação matemática, do mesmo modo que aqueles que se dedicam à história da matemática, pertencem ao campo da educação matemática, na grande maioria dos casos. Contudo, como constatou Antônio Miguel em 1999, a discussão historiográfica não despertava muito interesse nos fóruns brasileiros de educação matemática até aquele momento. Talvez compartilhando a discussão internacional limitada dos fóruns da educação matemática, conforme reconheceu Antônio Miguel, as abordagens no Brasil ainda estavam limitadas aos problemas relacionados com a legitimidade e a autenticidade das fontes, sem que fosse considerado que “as fontes não falam por si... elas só começam a dialogar verdadeiramente conosco quando decidimos abordá-las com métodos adequados (...)”.¹²

De lá para cá, muita água passou por debaixo da ponte, muita coisa mudou, todos sabemos. Principalmente, para o nascente campo da história da educação matemática, houve a valorização de dimensões da educação, da escola e do processo de ensino-aprendizagem até

; PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG-UNICAMP*, v. 6, n. 1, p. 3-56, 1996.

11 CORRY, Leo. *Science in Context*, v. 16, n. 3, p. 273-274, 2003 ; NETZ, Reviel. Introduction: the history of early mathematics – ways of re-writing. *Science in Context*, v. 16, n. 3, p. 275-286, 2003.

12 MIGUEL, Antônio. Abrindo o debate em torno da metodologia da pesquisa em história da matemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, III, Vitória, 1999. Anais... Vitória: UFES, 1999, p. 139-155.

então ignoradas ou desprezadas pela historiografia. Conseqüentemente, a utilização de uma nova variedade de registros das instituições educacionais e da vida escolar como documentos históricos, a exemplo dos cadernos escolares e livros didáticos, dos programas e currículos, dos instrumentos de avaliação e dos regulamentos e registros escolares, das configurações espaciais e arquitetônicas, enfim, das memórias dos professores e dos alunos, dos vestígios da cultura material escolar, dentro outros. No Brasil, assim como em outros lugares, a valorização destas dimensões influenciaram decisivamente no modo como vem sendo constituído este novo domínio historiográfico, a história da educação matemática.¹³

Contudo, parece-me prudente uma advertência, neste momento em que estamos iniciando um fórum nacional dedicado à pesquisa historiográfica sobre a educação matemática. A utilização desta variedade de registros como documentos históricos não garante por si só a constituição de objetos e problemáticas de pesquisa, assim como a transcrição ou o relato do conteúdo destes registros não é suficiente para a produção do texto histórico. Os desafios para o historiador da educação matemática não estão apenas na demarcação escolar do seu objeto de pesquisa e na conseqüente utilização de documentação histórica escolar. Os desafios estão sobretudo nas formas como construirá teoricamente os objetos de pesquisa, como conduzirá metodologicamente suas análises e como escreverá seu texto histórico.

É certo que depoimentos e entrevistas orais, documentos escritos diversos, de caráter institucional ou privado, como leis, currículos, programas, mas também planos de aula, provas, cadernos de anotações de alunos e de professores, livros didáticos, iconografias e imagens, como fotos, desenhos, gravuras, dentre tantos outros materiais, deverão ser localizados, obtidos, identificados, selecionados, preparados, organizados, armazenados de modo a poderem ser utilizados adequadamente na pesquisa histórica. Contudo, não serão estes documento que produzirão a historiografia! Quem produzirá a historiografia é o historiador, que tanto precisa se preparar tecnicamente para lidar com a documentação, como precisa se preparar teórica e metodologicamente para fazer e executar suas escolhas historiográficas.

Mais do que isto, normalmente, as escolhas teóricas e metodológicas feitas pelo historiador aparecem no texto histórico de modo muito diferente daquele consagrado em outros campos de pesquisa, como a educação matemática. Escrever história implica em adotar

13 GATTI JÚNIOR, Décio. A escrita brasileira recente no âmbito de uma história das disciplinas escolares (1990-2008). Currículo sem fronteiras, v. 9, n. 1, p. 42-71, jan-jun2009.

certos estilos de escrita que são próprios da historiografia e se assemelham muito à arte literária, como já apontaram diversos estudiosos do assunto.

Entretanto, os professores de matemática formados nos cursos de licenciatura em matemática não recebem ordinariamente – e não devem de fato receber – nenhuma preparação para fazer história da educação matemática. No máximo, alunos que passam por processos de iniciação científica em grupos de pesquisa historiográfica consolidados recebem esta formação, de modo integral ou parcial. Mesmo na pós-graduação, nos cursos de mestrado, as condições das estruturas curriculares atuais não são muito favoráveis para a realização desta formação, que não pode ser apenas teórica, mas demanda também certas vivências práticas, durante um certo tempo, de modo contínuo e sistemático, pois pensar e escrever historicamente, de acordo com os diversos padrões consagrados atualmente no campo profissional da história, é muito diferente das formas de pensar e de escrever, por exemplo, no campo da educação matemática.

Na verdade, seguir alguma das tendências teóricas e metodológicas atuais do campo da história para escrever uma história da educação matemática, focando qualquer uma das temáticas e utilizando-se de qualquer um dos tipos de documentação listados acima demanda um esforço considerável para subverter os modos habituais de pensamento e comunicação no campo da educação matemática. Os historiadores das ciências, da medicina e da educação admitiram isto há algum tempo e aproximaram-se profissionalmente do campo da história, apropriando-se dos seus modos de pensar e escrever a história. Este é um dos desafios que se apresentam atualmente para o domínio da história da educação matemática no Brasil.

Há aqui um aspecto muito interessante que diz respeito aos processos de circulação das formas e dos produtos culturais. O profissional da educação matemática para abordar as formas de produção, apropriação e reelaboração da matemática nos espaços escolares, está desafiado ele próprio a se apropriar criativamente das formas de pensar e escrever produzidas originalmente no campo da história para utilizá-las no domínio da historiografia da educação matemática, não como um integrante do campo da educação matemática, mas como um estrangeiro a este campo¹⁴. Este é o desafio! Para dar conta das mestiçagens e hibridismos do

14 SHAPIN, Steven, SCHAFFER, Simon. *Leviathan and the air pump: Hobbes, Boyle and the experimental life*. Princeton University Press, 1985.

seu objeto multicultural, ele deve desafiar e submeter seu próprio campo cultural a um processo de hibridismo e mestiçagem.¹⁵

15 CANCLINI, Nestor Garcia. La globalización: productora de culturas híbridas? In: Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, III. Actas ... Disponível em <http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>; GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.